

Em cena: A solidão do gestor Encontro de gestores da região.

Na pauta, como produzem a gestão do cuidado em seu município. Muitos falam sobre a solidão que é ocupar esse lugar.

- Quando você assume esse lugar, é o seu CPF que está ali marcado, independente do que acontece. Me sinto sozinha e fazendo de tudo um pouco.
- Eu também. Tem horas que sou gestor, outra hora estou eu respondendo e fazendo coisas da regulação, atendo usuário, vereador, prefeito.... médico falando que vai pedir as contas, problema de manutenção na unidade de saúde. Fora as reuniões e prestação de contas que tiram o meu sono... É só reclamação, em cima de reclamação e tantas cobranças....
- Olha, estou recente aqui no cargo, mas já percebi que esses trabalhadores só colaboram quando tem benefício da prefeitura. Tem horas que queria fazer igual na época que trabalhei no banco, vestir todos com uma camiseta escrito “eu visto a camisa desta secretaria” ...quem sabe assim eles começam a colaborar....
- Mas fica difícil fazer gestão sozinha! E outra, a gente pode mandar o que for, mas se não construir junto, fica bem difícil.
- Tem razão.... aqui fui tentando montar uma equipe gestora com quem já tinha e outros profissionais que me ajudam nessa ponte. Mês passado convidei uma profissional para assumir a coordenação da atenção básica e a equipe do NASF, por circular bastante, é um bom observatório pra mim...
- Tem horas que mal consigo saber o que de bom a gente faz como gestor.... qual o impacto disso para os usuários, se estamos cuidando de verdade...
- Ter um espaço como esse, pra gente parar e pensar no que e como fazemos é bem interessante. Senão, ficamos mergulhados em todas as demandas do dia a dia e mal conseguimos refletir e trocar sobre nossas dificuldades
- Na CIR a gente não consegue fazer isso....não tem nem brecha pra gente debater....
- Mas não deixa de ser importante...talvez a gente precise se articular mais, senão as pautas continuarão chegando prontas e o município vizinho vai vencer tudo no grito e a SES!

Em cena: Burburinhos em modo EPS

Em meia-lua-roda, o encontro do pequeno grupo inicia logo após a parada do almoço. Éramos aproximadamente quinze pessoas: dois facilitadores, secretários de saúde municipais e/ou representantes e eu. Quase todos, gestores de municípios pequenos das mais variadas regiões de saúde. A maior cidade era de médio porte, vizinha à principal referência da região metropolitana.

- O que você faz mesmo sabendo que não fortalece o SUS?

Essa questão pegou de jeito e alavancou a discussão. Era quase unânime a resposta: clientelismo político! O incômodo com as interferências politiquieiras era evidente no cotidiano da gestão, principalmente para acesso a consultas e exames. A famosa “carteirada” dos vereadores ou do prefeito, por exemplo, era recebida com angústia, raiva e, muitos, acabavam por acatá-la ao final. Como disseram: “um dos sapos a serem engolidos”.

- Mas quais as possibilidades de enfrentamento nessas situações? Como vocês, gestores, se colocam? O que isso pode sinalizar sobre o projeto político do SUS municipal? Essas questões rondaram o debate e abriram ao compartilhamento de experiências muito interessantes, agenciadas pela questão: Por que a fila de espera de transplantes não sofre interferências externas no acesso?

Bastante burburinho. Incômodos. Reflexões.

Da sensação de “não é possível fazer praticamente nada” nas primeiras respostas, os participantes começaram a se indagar após as provocações subsequentes. Uma das gestoras contou que em uma dessas situações, promoveu a mudança dos fluxos assistenciais para acesso à atenção especializada e exames por meio da reorganização do processo de trabalho da Central Municipal de Regulação. Isso também levou a elaboração de painéis atualizados permanentemente nas UBS e SMS, indicando a quantidade de consultas de atenção básica, especializada e exames realizados, bem como a taxa de absenteísmo como prestação de contas, transparência e corresponsabilização da população.

- A mudança no modo de operar a fila de espera, colocando o vereador enquanto responsável a justificar suas interferências, reduziu drasticamente essas situações!

-Outra gestora partilhou sobre os modos de aproximação junto ao Conselho Municipal de Saúde. Essas relações muitas vezes de desconfiança e inimizade e que recaiam muitas vezes em cobranças do prefeito, foram um disparador para que a forma de prestação de contas fosse alterada. Antes relegados somente a bater o martelo, sem muita abertura para discussão, a equipe gestora começou a produzir vizinhança junto ao CMS, incluindo os mesmos nos processos de validação, aprovação e acompanhamento do projeto político do SUS municipal.

Nada liso e confortável. Muitos enfrentamentos, diferentes vistas do ponto. Alguns gestores com mais ou menos agires e apostas na gestão do cuidado.

PEREIRA, P.B.A. Arranjos e dispositivos para a gestão do cuidado em municípios de pequeno porte no estado de São Paulo: entre-laços e nós. 2022. Tese - Faculdade de Saúde Pública da USP, 2022. Disponível em:

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6143/tde-30112022-124244/pt-br.php>